

PALAVRA QUE UNE

SABIA QUE...

Nº13

MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA O VIII DIA MUNDIAL DOS POBRES

XXXIII Domingo
do Tempo Comum

Caros irmãos e irmãs!

A oração do pobre eleva-se até Deus (cf. Sir 21, 5). No ano dedicado à oração, em vista do Jubileu Ordinário de 2025, esta expressão da sabedoria bíblica é ainda mais oportuna a fim de nos preparar para o VIII Dia Mundial dos Pobres, 17 de novembro (...)

O livro de Ben-Sirá, (...) descobre uma das realidades fundamentais da revelação, ou seja, o facto de os pobres terem um lugar privilegiado no coração de Deus, a tal ponto que, perante o seu sofrimento, Deus se “impacienta” enquanto não lhes faz justiça: «A oração do humilde penetrará as nuvens, e não se consolará, enquanto ela não chegar até Deus. Ele não se afastará, enquanto o Altíssimo não olhar, não fizer justiça aos justos e restabelecer a equidade. O Senhor não tardará nem terá paciência com os opressores» (Sir 35, 17-19). Deus, porque é um Pai atento e carinhoso para com todos, conhece os sofrimentos dos seus filhos. Como Pai, preocupa-se com aqueles que mais precisam dele: os pobres, os marginalizados, os que so-

frem, os esquecidos... Ninguém está excluído do seu coração, uma vez que, diante d’Ele, todos somos pobres e necessitados. (...)

Neste ano dedicado à oração, precisamos de fazer nossa a oração dos pobres e rezar com eles. É um desafio que temos de aceitar e uma ação pastoral que precisa de ser alimentada. Com efeito, «a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. A imensa maioria dos pobres possui uma especial abertura à fé; tem necessidade de Deus e não podemos deixar de lhe oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta dum caminho de crescimento e amadurecimento na fé. A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária» (...).

O Dia Mundial dos Pobres tornou-se um compromisso na agenda de cada comunidade eclesial. É uma oportunidade pastoral que não deve ser subestimada, porque desafia cada fiel a escutar a oração dos pobres, tomando consciência da sua presença e das suas necessidades. É uma ocasião propícia para realizar iniciativas que ajudem concretamente os pobres, e também para reconhecer e apoiar os numerosos voluntários que se dedicam com paixão aos mais necessitados.

Neste contexto, é bom recordar o testemunho que nos deixou Madre Teresa de Calcutá, uma mulher que deu a vida pelos pobres. Esta santa repetia continuamente que a oração era o lugar donde tirava força e fé para a sua missão de serviço aos últimos. E como não recordar (...) São Bento José Labre (1748-1783), (...) Peregrino desde França até Roma, rejeitado em muitos mosteiros, viveu os seus últimos anos pobre entre os pobres, passando horas e horas em oração diante do Santíssimo Sacramento. (...)

Em todas as circunstâncias, somos chamados a ser amigos dos pobres, seguindo os passos de Jesus, que foi o primeiro a solidarizar-se com os últimos. Que a Santa Mãe de Deus, Maria Santíssima, nos sustente neste caminho; ela que, aparecendo em Banneux, nos deixou uma mensagem a não esquecer: «Eu sou a Virgem dos pobres». A ela, a quem Deus olhou pela sua humilde pobreza e em quem realizou grandes coisas com a sua obediência, confiemos a nossa oração, convictos de que subirá até ao céu e será ouvida.

Roma – São João de Latrão, na Memória de Santo António, Patrono dos pobres, 13 de junho de 2024.

FRANCISCO



475 ANOS
BISPADO
PORTALEGRE

BREVEMENTE:

30/11/2024 - 09:30 - Formação Permanente para MEC, MECDAP e MECDEAP, (em situação de Renovação) Abrantes (REQUER INSCRIÇÃO) - Secretariado de Liturgia

PALAVRA COM VIDA

DOMINGO XXXII DO TEMPO COMUM

P.e José Manuel Cardoso

Ler a história dos homens numa perspetiva de esperança

Estamos a terminar mais um ano litúrgico. Ao longo deste domingo caminhamos com Jesus, aprendendo com Ele o amor que nos converte ao Pai e o amor ao próximo. Nesta reta final do Ano B, a liturgia do 33º Domingo do Tempo Comum, ajuda a comunidade de fé a passar do tempo comum para o tempo do advento, que inicia o Ciclo do Natal. Somos convidados mais diretamente a meditar e a viver à maneira de Jesus, no aqui e agora das nossas vidas, preparando o futuro, no qual encontraremos a felicidade verdadeira.

As leituras convidam-nos a ler a história dos homens numa perspetiva de esperança. Garante-nos que o egoísmo, a violência, a injustiça, o pecado, não têm a “última palavra” na história do mundo e dos homens; a “última palavra” será sempre de Deus, que vai, a seu tempo, mudar a noite do mundo, numa aurora de vida sem fim. É com essa certeza que devemos enfrentar a vida e o caminho que temos à nossa frente.

A primeira leitura anuncia aos crentes perseguidos pelo rei selêucida Antíoco IV Epífanes, que Deus se prepara para intervir e para lhes oferecer a salvação. A ação de Deus porá fim ao sofrimento intolerável em que estão e abrir-lhes-á as portas de uma vida nova, de uma vida eterna. Esta esperança deve

sustentar os justos na sua aflição e animá-los a permanecerem fiéis a Deus.

No Evangelho, Jesus assegura-nos que, num futuro sem data marcada, o mundo velho do egoísmo e do pecado vai cair e que, em seu lugar, Deus vai fazer surgir um mundo novo, de vida e de felicidade sem fim. Aos seus discípulos, Jesus pede, que vivam atentos aos sinais, que anunciam essa nova realidade; e que, com paciência e confiança, se disponham a acolher e a concretizar os projetos, os apelos e os desafios de Deus. Sem dúvidas, devemos alimentar a esperança pelo Reino. Não qualquer reino, mas o Reino de Deus. Acreditar na força que a salvação em Jesus Cristo provoca, em nossas vidas. Para isso é imprescindível, tomar partido por todas as pessoas, sem distinções, começando pelos mais pobres.

A segunda leitura lembra que Jesus veio ao mundo para concretizar o projeto de Deus: libertar o homem do pecado e de inseri-lo numa dinâmica de vida eterna. Com a sua vida e com o seu testemunho, Cristo ensinou-nos a vencer o egoísmo e o pecado e a fazer da vida um dom de amor a Deus e aos irmãos. É esse o caminho do mundo novo, o caminho que conduz à vida definitiva.

NUMA PALAVRA...

Antonino Dias, Bispo Diocesano

Esta semana, de segunda a quinta-feira, teve lugar a Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa, em Fátima. Um dos temas em cima da mesa, como não podia deixar de ser, foi a sinodalidade, “esse estilo peculiar que qualifica a vida e a missão da Igreja”.

Partilharam-se saberes e experiências, na esperança de se rasgarem caminhos para que as nossas estruturas e processos eclesiais, a nível diocesano e paroquial, na diversidade dos seus ministérios e funções, continuem a implementar, com entusiasmo e alegria, este modo de viver e operar eclesialmente, de ser Igreja. O acento está colocado na escuta pessoal e comunitária da Palavra, na celebração da Eucaristia, na fraterna comunhão, na corresponsabilidade e participação de todos os membros de cada comunidade cristã.

Como afirmou o Papa Francisco, “o Espírito Santo é guia seguro, e a nossa primeira tarefa é aprender a distinguir a sua voz, porque Ele fala em todos e em todas as coisas”. Se faltar esta profundidade espiritual, pessoal e comunitária, com tudo o que ela implica, “a sinodalidade reduz-se a um expediente organizativo”.

Em 11 de janeiro de 2025, haverá, em Fátima, um encontro nacional com todos os Conselhos Diocesanos da Pastoral e Comissões sinodais diocesanas, para o qual se devem ir preparando, sobretudo pela leitura e reflexão do Documento Final do Sínodo.